

UMA PERSPECTIVA DEMOGRÁFICA SOBRE A FAMÍLIA NO RIO DE JANEIRO COLONIAL

HEITOR P. DE MOURA FILHO¹

Este texto descreve resultados demográficos obtidos sobre uma amostra de 4.303 indivíduos (2171 homens e 2132 mulheres) extraídos diretamente da enorme compilação genealógica de Carlos G. Rheingantz sobre o Rio de Janeiro colonial (RHEINGANTZ 1965; 1967; 1993-5). Esta fonte vem sendo utilizada, há alguns anos, para a montagem de grandes bancos de dados com microdados biográficos de nosso passado colonial. Parece-nos, entretanto, que o principal interesse dos autores que utilizaram tais levantamentos venha sendo estudos sobre reprodução social e redes de clientela. Nosso foco aqui é estritamente demográfico, buscando levantar padrões de mortalidade, de fecundidade e de nupcialidade relativos à população livre. Por felizes acasos nas características da amostra, sua maior força reside exatamente na descrição de eventos relacionados à família (idade ao casar, duração de casamentos, tamanho da prole, entre outros dados) que procuramos descrever no que segue. Dada a exiguidade de espaço, no entanto, não discutimos comparações com outros locais e épocas.

Rheingantz interessava-se pela genealogia em seu sentido estrito. Dedicou décadas de sua vida ao preenchimento de talvez cem mil fichas individuais, a partir da transcrição e da combinação de registros paroquiais. Registrou, sempre que possível, informações sobre o indivíduo, seus pais, esposas, filhos e seus descendentes: data, paróquia e local de batismo, casamento(s) e registro do óbito. Dados como a data do nascimento, padrinhos do casamento, local do enterro e o fato dos nubentes serem parentes próximos aparecem bisextamente. Existe, no entanto, bastante informação sobre a profissão seguida por adultos, principalmente quando tinham patente militar, eram bachareis, médico ou pertenciam a ordens religiosas. Na situação, a mais comum, em que dispunha de data certa para o casamento, mas não tinha as datas de nascimento/batismo dos cônjuges, anotou estimativas para os nascimentos, com base em idades padronizadas ao casar, usualmente 30 anos para os homens e 20 anos para as mulheres, critério razoável

¹ Economista (UFRJ, 1972), Mestre em História Social (UFRJ, 2005). Pesquisador independente. Email: heitormoura@yahoo.com.br

para auxiliar a montagem de longas genealogias, mas que não se presta para a análise demográfica. No presente estudo, deixaremos de lado tais estimativas, empregando somente as informações com datas conhecidas.

A AMOSTRA

Nossa amostra lista 4.303 indivíduos (2171 homens e 2132 mulheres) que viveram principalmente nos séculos 17 e 18 e foram batizados, casaram-se ou vieram a falecer no Rio de Janeiro². Todos os indivíduos registrados são livres, havendo somente algumas, poucas, indicações de que a mãe ou o pai do indivíduo tenha sido escravo ou escravo forro. Por outro lado, há, em número um pouco maior, indicações de uma criança ter sido exposta.

Os casos da amostra que apresentam data conhecida para batismo, casamento ou óbito se concentram no século 17 e primeiro quartel do 18, com cerca de três quartos desses 3.106 casos de batismo ocorrendo no meio século entre 1625 e 1725 (ano mediano = 1676); 83% dos 2.343 casamentos entre 1625 e 1759 (ano mediano = 1687); e 82% dos 717 casos de óbito entre 1650 e 1750 (ano mediano = 1700). A Figura 1 abaixo ilustra estas distribuições, que estão relacionadas ao final, no Quadro 1.

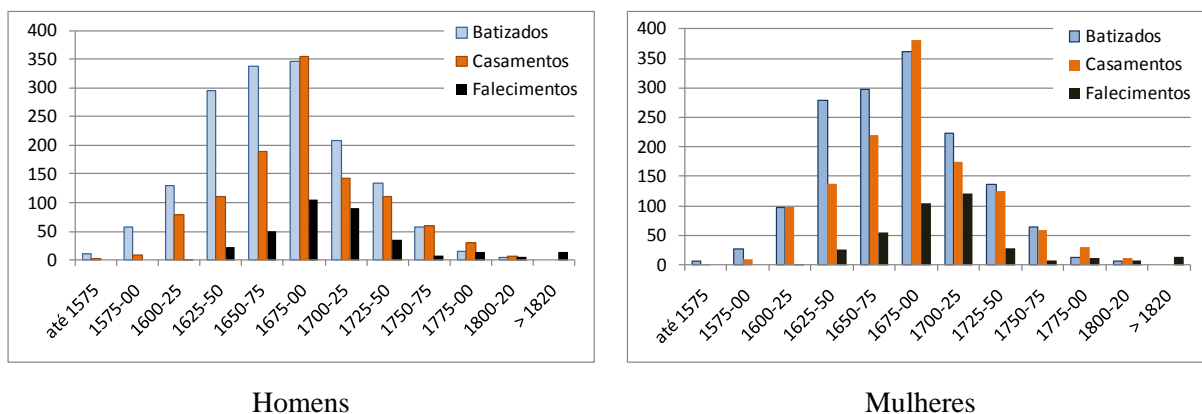


Figura 1 – Distribuição do número de casos com data certa de batizado, casamento e falecimento, por período de 25 anos e sexo.

Trabalharemos com os casos para os quais temos pelo menos duas datas certas, de modo a poder computar, com precisão, idades e intervalos entre eventos vitais.

² O ano limite para inclusão de casos foi 1820 (para batizados e casamentos). Dado este critério, ocorreram somente 13 óbitos entre 1820 e 1867.

ORIGEM DOS INDIVÍDUOS

Uma importante informação, disponível para um grande número de casos e que independe do conhecimento de datas, é a paróquia ou localidade de origem do indivíduo. Entre os homens, este dados é um pouco mais comum (72,6% do total) do que entre as mulheres (65,7%). Sem surpresa, temos uma grande maioria nascida no Rio de Janeiro (em cujas paróquias os levantamentos foram realizados): 81,3% dos homens e 96,6% das mulheres nasceram aqui. Portugueses e ilheus são 15,9% dos homens, mas somente 1,5% das mulheres (Figura 3). É interessante notar que todos os 22 casos de estrangeiros (nascidos fora de Portugal e do Brasil) são homens. Ao analisarmos a distribuição temporal dos batismos dentro de cada origem, temos, entre os ilheus (dos Açores e da Madeira), proporcionalmente mais nascidos no início do período colonial do que ocorrer com os portugueses continentais (Figura 2). Embora o número total de casos envolvidos seja pequeno (29 homens e 4 mulheres das ilhas e 222 homens e 21 mulheres do continente), as distribuições temporais claramente distintas sugerem ter havido um afluxo proporcionalmente maior de ilheus no início da colonização. Reafirmando esta conclusão, os registros não computados na amostra citam grande quantidade de ilheus que, contudo, não puderam ser incluídos por ausência de data certa para seu batismo e casamento³.

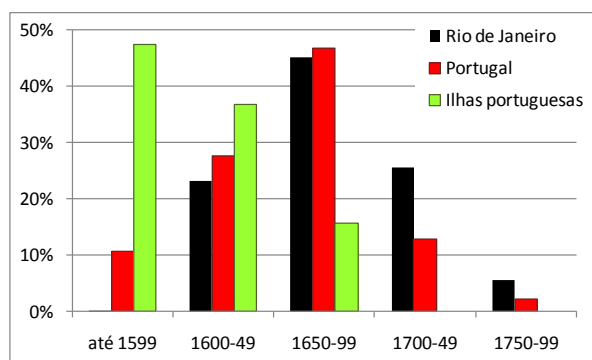


Figura 2 – Distribuição percentual dentro de cada origem, por data de batismo (número total de cada origem=100).

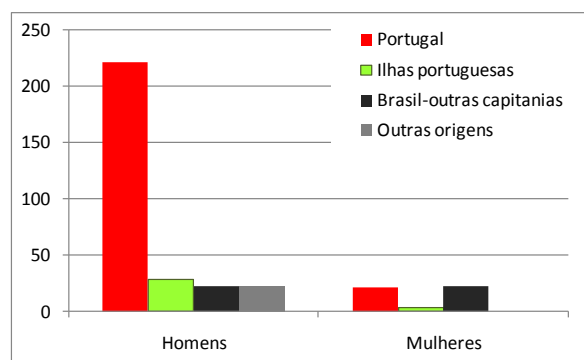


Figura 3 – Distribuição do número de indivíduos com origem fora do Rio de Janeiro, por local do batismo e sexo.

IDADE NO BATISMO

A questão do prazo entre o nascimento e o batismo é uma dúvida permanente na grande maioria das fontes demográficas sobre o Brasil colonial. Recentemente, Carneiro, Braga

³ Sobre as origens das primeiras famílias senhoriais do Rio de Janeiro, veja-se J.Fragoso (2000).

& Nadalin (2010) publicaram estudo sobre cerca de 20.000 batizados em Curitiba, registrados a partir da terceira década do século 18. Trazemos os dados que citam em sua Tabela 6, relativos a 1417 batizados de livres, durante o século 18, como um grupo comparável com os 69 casos de nossa amostra que contêm informação conjunta sobre as datas de nascimento e de batismo. Enquanto, em Curitiba no século 18, praticamente 95% das crianças (com ambas as datas conhecidas) estavam batizadas até os 15 dias de vida, em nossa amostra, somente dois terços haviam sido batizadas até lá. A idade mediana ao batismo, na amostra, ficou em 13,4 dias, prazo até curto frente aos casos extremos conhecidos, de meses e, até, de mais de um ano.

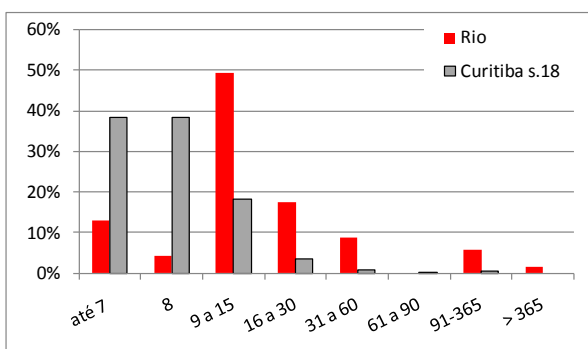


Figura 4 – Distribuição de batismos, por idade da criança, em dias
(Rio: 69 casos, Curitiba: 1417 casos)

Fontes: citadas no texto

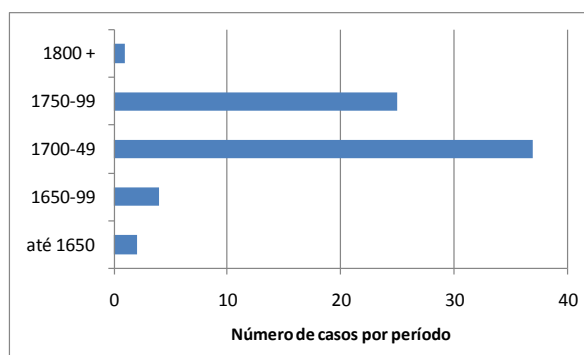


Figura 5 – Distribuição dos 69 casos da amostra com idade certa no batismo, por data do batismo

IDADE AO CASAR

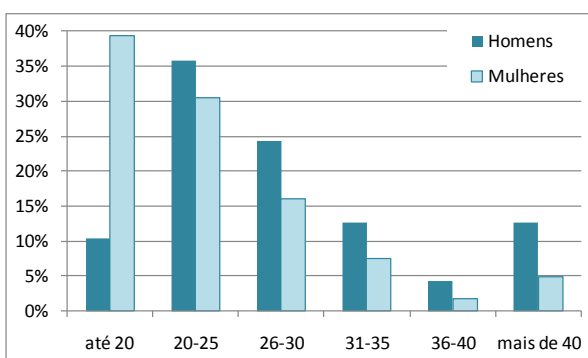


Figura 6 – Distribuição percentual, segundo a idade ao casar, por sexo (447 casos)

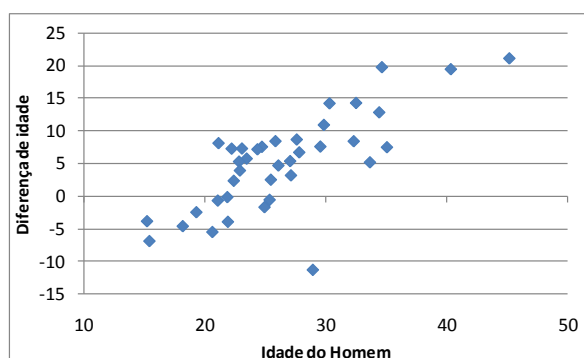


Figura 7 – Diferenças de idade entre os cônjuges, segundo a idade do homem (38 casos)

Temos um total de 447 casos com data certa tanto para batismo quanto para casamento (165 homens e 282 mulheres). Nesta sub-amostra, a idade mediana dos homens ao casar

é de 26,0 e das mulheres 21,8 anos (uma diferença de 4,2 anos)⁴. Enquanto 70% das mulheres (desta sub-amostra, portanto mulheres que sabemos virão a casar-se), casam-se até os 25 anos, nesta idade, menos de metade (46%) dos homens (da sub-amostra) estão casados (Figura 6). Desses 447 casos com data certa para batismo e casamento, em somente 38 temos estes dados simultaneamente para ambos os cônjuges. Para estes 38 casos, ilustramos na Figura 7 a dispersão das diferenças de idade, conforme a idade do homem. Não estranha que as maiores diferenças envolvam os homens mais velhos ou os bem moços, com menos de 20 anos. Há um único caso *outlier* a esta característica, de um noivo de 29 com uma noiva de 40.

Nas duas figuras a seguir, ilustramos as idades ao casar, de homens e mulheres, segundo o ano de batismo do nubente. Percebemos que houve pouca variação ao longo dos séculos, embora todos os 12 casos de mulheres que temos registrado como se casando depois dos 40 (possivelmente pela segunda vez) ocorreram durante o século 17.

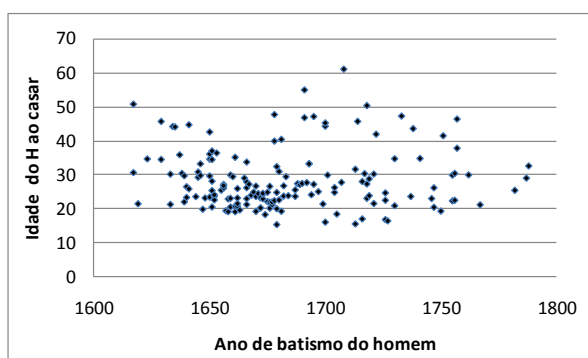


Figura 8 – Idade do homem ao casar, segundo o ano de seu batismo (165 casos)

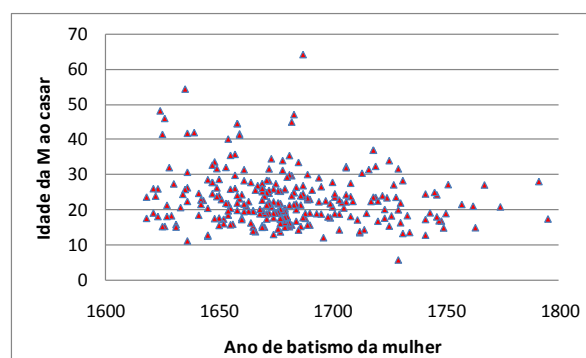


Figura 9 – Idade da mulher ao casar, segundo o ano de seu batismo (282 casos)

IDADE AO PRIMEIRO FILHO

Ao estudarmos relações que envolvem o número de filhos de cada mulher, enfrentamos o problema de avaliar a exaustividade da fonte com relação ao número de partos de cada mulheres registrada. Especificamente, não podemos ter garantia de que uma mulher listada não tenha tido filhos não batizados ou cujo batizado não tenha sido registrado na nossa fonte.

⁴ Como rápida comparação com nove estudos referentes ao século 18 e início do 19 citados (Tabela VII, p.55) em C.Bacelar (2001) e os dados para Curitiba na segunda metade do século 18 de A.M.Burmester, apud S.Nadalin (2003), essa idade mediana dos homens se situa próxima aos valores intermediários dos diversos estudos, a idade mediana das mulheres é a mais alta de todos os locais e época e a diferença entre as idades é a segunda menor, entre o Paraná em 1822 (3,3 anos) e Sorocaba no 18 e início do 19 (4,8 anos).

A Figura 10 mostra a distribuição das idades das mães no batizado de seu primeiro filho⁵. Nos 144 casos da amostra em que temos certeza simultânea da data do batizado da mãe e de seu primeiro filho, vemos uma distribuição que traz irregularidades mais fortes nos picos para mães de 20 e de 23 anos, e num número que talvez excessivo de “primeiros partos” a partir dos 35 anos.

Na Figura 11, vemos que, mesmo com um total relativamente pequeno de casos estudados, poderíamos hipotetizar uma tendência de aumento da idade média ao casar (para homens e mulheres) entre a primeira metade do século 17 e a primeira metade do 18. Os 7 casos disponíveis para a segunda metade do 18 não são suficientes, no entanto, para apoiar ou invalidar a continuidade desta tendência e ficam melhor desprezados da análise.

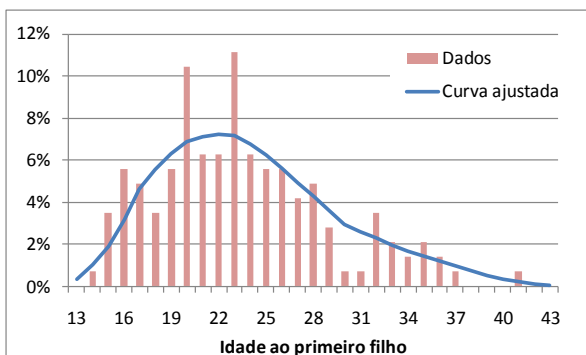


Figura 10 – Distribuição do número de casos, segundo a idade da mãe no batizado do primeiro filho (N=144), dados e curva ajustada

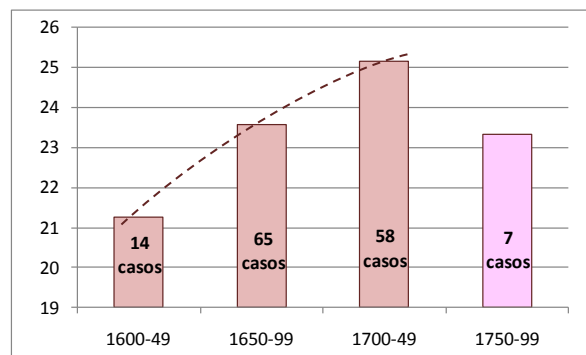


Figura 11 – Idade média da mãe no batizado do primeiro filho, por período (N=144)

INTERVALO DO CASAMENTO AO PRIMEIRO FILHO

Uma análise interessante sobre as práticas matrimoniais diz respeito a situações de casamento possivelmente “forçado” por uma gravidez. Temos duas formas de aferir o intervalo entre o casamento e o nascimento/batismo do primeiro filho: nos casos em que temos (a) a data do casamento de uma mulher e a data do batismo de seu primeiro filho e (b) a data de casamento dos pais de um indivíduo (homem ou mulher) e a data de seu próprio batismo⁶.

⁵ Acrescentamos 15 dias à idade calculada entre batizado da mãe e batizado do filho. Mantivemos, contudo, a referência do batizado do filho (e não de seu nascimento) para permitir eventuais comparações com outras estatísticas de batismo.

⁶ Note-se que tais dados são limites inferiores para o total de “casamentos forçados”, pois nada impede que um batizado realizado, por exemplo, depois de 12 meses do casamento não se refira a um nascimento ocorrido a menos de 9 meses do casamento.

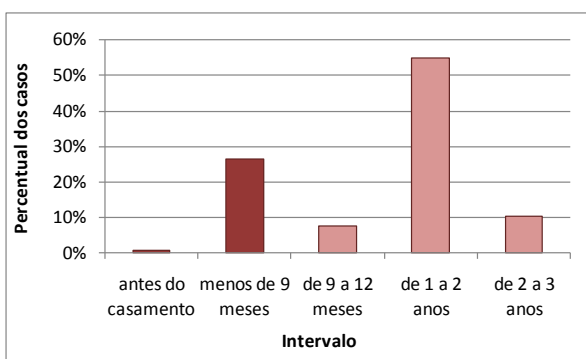


Figura 12 – Distribuição do número de casos, segundo o intervalo entre o casamento da mãe e o batismo de seu primeiro filho (N=155 mães)

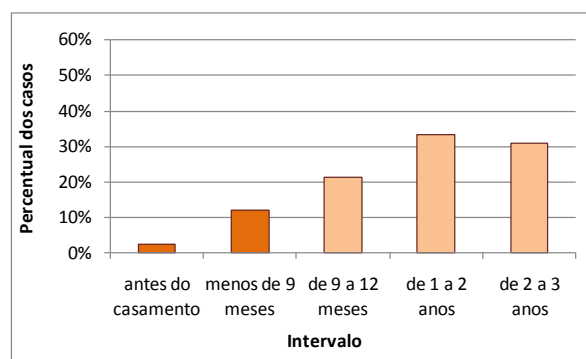


Figura 13 – Distribuição do número de casos, segundo o intervalo entre o casamento dos pais e o batismo do indivíduo (N=156 indivíduos)

Restringindo os dados aos batismos até 3 anos após o casamento, temos 42 casos em 155 (=27,1%) com intervalos “casamento da mãe-batizado do filho” e 23 casos em 156 (14,7%) com intervalos “casamento dos pais-batizado do indivíduo” ocorrendo antes da data do casamento ou até 9 meses depois dele. Em termos comparativos, em Sorocaba, 1700-1810 ((BACELLAR 2001:69), sobre nascimentos em até 3 anos do casamento, um quarto dos casos ocorreram até 12 meses do casamento.

NÚMERO DE FILHOS

Temos anotações do número de filhos tidos para 733 mães. A maior incidência fica de 1 a 4 filhos, com um máximo de 17, o que está ilustrado na Figura 14. Na Figura 15, mostramos a distribuição do número total de filhos, segundo a paridade da mãe.

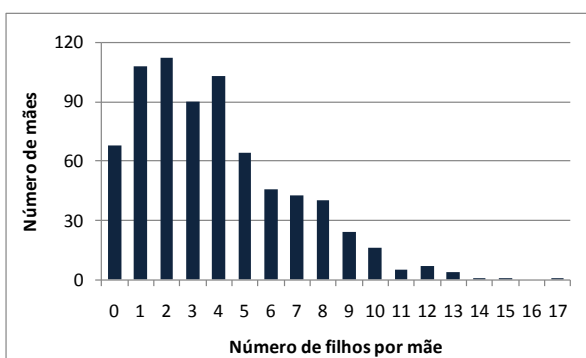


Figura 14 – Distribuição do total de mães, segundo o número de filhos tidos (733 mães e 2844 filhos)

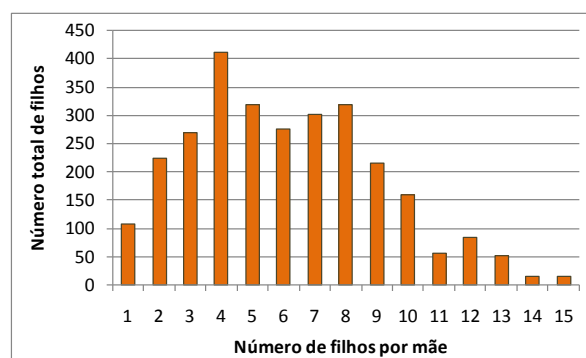


Figura 15 – Número total de filhos por grupo de paridade da mãe

Entre as 733 mães, houve 12 (1,6%) que teriam tido gêmeos, ou seja de 2.832 partos,

0,4% teriam gerado gêmeos (como limite inferior), proporção bem inferior à faixa média atual de 1% (nos países europeus) a 4% (na Nigéria)⁷, o que faz supor que haja falta de registro de tais nascimentos. O exemplo extremo em nossa amostra é o de Leonor Varela, casada em 1614, que teve 8 filhos até 1631, sendo dois partos com gêmeos.

PERÍODO FÉRTIL

Em 169 casos, temos informação simultânea do número de filhos tidos, da data do primeiro e do último parto (dos partos registrados, é claro), podendo com isto calcular o período fértil total e o intervalo intergenésico médio. Dada a grande discrepância de situações com relação à omissão de dados sobre filhos tidos, que não temos como controlar, optamos por trabalhar com médias para o quartil com menor período fértil e para o quartil com maior período fértil. As curvas na Figura 16 mostram a esperada progressão, havendo regularidade principalmente na curva do quartil inferior. A variação entre os parâmetros do quartil inferior e do superior gira de mais de 200% para 3 filhos, reduzindo progressivamente para 12% (10 filhos).

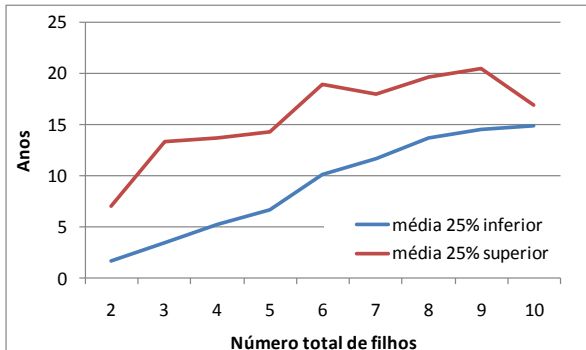


Figura 16 – Período fértil ao longo da vida, para os quartis inferior e superior, em anos (N=169)

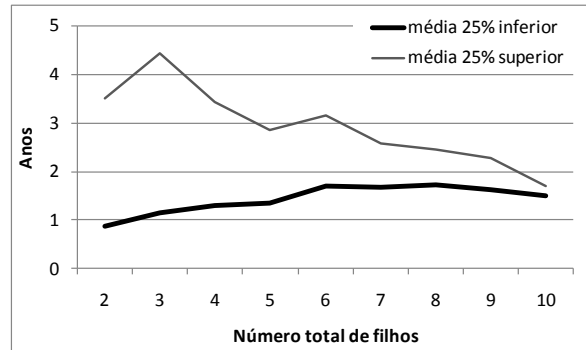


Figura 17 – Intervalo intergenésico médio, para os quartis inferior e superior, em anos (N=169)

INTERVALO INTERGENÉSICO MÉDIO

Conhecido o período fértil total, calculamos o intervalo intergenésico médio por simples divisão desta duração pelo número de intervalos (igual ao número filhos tidos menos um) por grupo de mães. A Figura 17 mostra as curvas correspondentes. É de se notar que, a partir de 6 filhos, o intervalo médio se reduz à medida em que aumenta a

⁷ Dados de Sérgio Pena (2009).

paridade. Além disto, os limites superior e inferior se aproximam, com uma diferença média se somente sete meses para 10 filhos.

SEGUNDO CASAMENTO

Há 20 casos de segundos casamentos de mulheres com datas conhecidas para ambas as núpcias, o que nos permite montar uma distribuição dos intervalos entre casamentos. Temos aqui um fato interessante, que é ser a duração do primeiro casamento, em mais de dois terços dos casos, superior a 10 anos (Figura 18). É interessante verificar que, no maior número de casos, este intervalo ficou entre 10 e 15 anos (em comparação com 126 casos em Sorocaba, 1700-1810, em que a média até um segundo casamento ficou em 2,4 anos para os homens e 5,0 anos para as mulheres (BACELLAR 2001:61). Em 19 casos, temos como calcular as idades dessas mulheres ao casar pela primeira e pela segunda vez, gerando o gráfico da Figura 19.

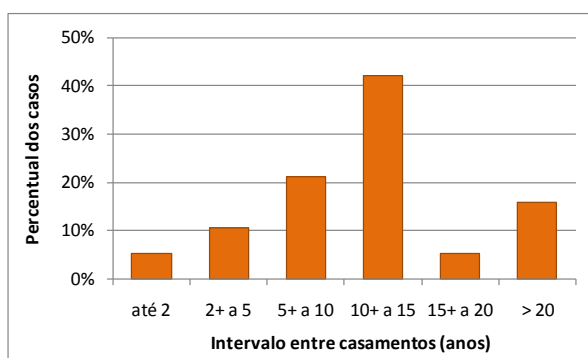


Figura 18 – Distribuição dos intervalos entre o primeiro e o segundo casamento (N=20 mulheres)

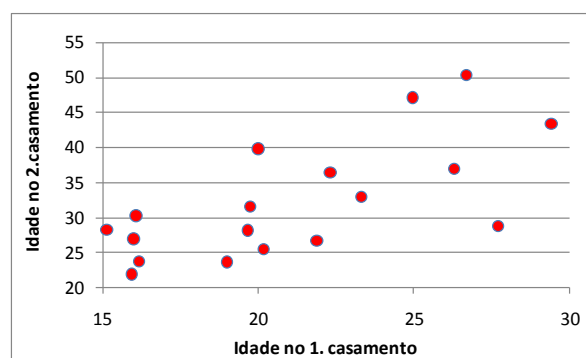


Figura 19 – Idade da noiva ao casar pela primeira e pela segunda vez (N=19 mulheres)

VIUVEZ

A amostra contém 93 casos que em temos informação simultânea sobre data de casamento, data do falecimento do cônjuge e data do próprio óbito⁸. Analisaremos aqui somente os casos em que o homem é o indivíduo registrado em nossa amostra (N=56). Como há grande variedade no tempos de casamento e de viuvez, ordenamos os dados segundo quartis, agrupando os dois quartis intermediários. Uma conclusão que logo surge contradiz a idéia de que eram as mulheres que, mais frequentemente,

⁸ No atual estágio da pesquisa, não foi possível ter certeza de que os viúvos permaneceram viúvos, ou seja, os dados não levam em conta eventuais segundos casamentos.

permaneciam viúvas, pois a duração média da viuvez do cônjuge remanescente não depende de quem morre primeiro. Esta duração depende, com maior força, do tempo de casamento até a viuvez.

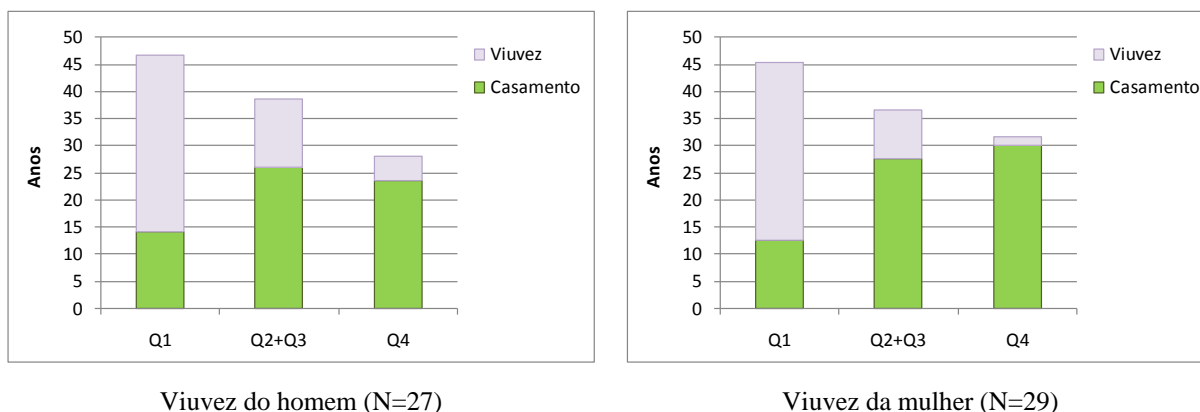


Figura 20 – Tempo de viuvez e de casamento, por sexo do sobrevivente, para casos em que o indivíduo é homem, por quartis referentes ao tempo de viuvez (N=56)

MORTALIDADE INFANTIL

Os dados sobre mortalidade infantil na amostra são bastante falhos. Há 97 indicações de uma criança ter morrido “inocente” ou “menor”. Utilizando somente os dados de mães para as quais temos a informação do número total de filhos tidos, chegamos a um total de 3437 nascimentos, nos quais teriam ocorrido esses 97 óbitos infantis, perfazendo uma média de 28,2 mortes infantis por 1000 nascidos. Pelo baixo valor deste índice, podemos ter certeza de que tais indicações estão bastante subenumeradas, já que as taxas esperadas de mortalidade até os 10 anos deveriam se situar mais perto dos 250-300 por mil. O conjunto de casos de indivíduos com data de batismo e de óbito conhecidas também se mostra pouco representativo, pois os óbitos até 10 anos, num total de 257 casos, montam a somente 39 por mil. Mesmo fazendo um ajuste para completar dados nas idades faltantes (suavizando a curva), não logramos passar de 89 por mil óbitos até os 10 anos de idade.

No entanto, encontramos alguns casos, talvez aberrantes até para a época, como o de Maria de Lima, casada em 1686 com 16 anos, que teria tido, até 1701, 8 filhos, dos quais 5 morreram menores; ou o de Antônia Nunes, casada em 1770, que teria tido 3 filhos, todos mortos em criança.

Por outro lado, é interessante observar que, na grande maioria dos casos em que houve morte de recém-nascido ou de criança pequena, o próximo filho ganha o mesmo nome

do irmão falecido, “substituindo-o” por assim dizer. Esta constatação se verifica mesmo para irmãos de sexos diferentes: após a morte na infância de um “Francisco”, dá-se o nome de “Francisca” à menina nascida em seguida.

MORTALIDADE DE PARTO

Há 12 anotações de mulheres que morreram no parto ou em consequência de complicações de parto. Uma teve 12 filhos, duas 3 filhos, duas 2 filhos, quatro 1 filho, uma não teve filho e não temos dados sobre o número de filhos das duas restantes, que, no entanto, faleceram 2,8 e 5,6 anos depois do casamento (Figura 21). Podemos supor que as 4 mulheres que tiveram somente um ou nenhum filho certamente morreram do primeiro parto, pois vieram a falecer 8, 10, 15 e 16 meses depois do casamento.

Não é possível, assim, concluirmos quanto à taxa de mortalidade por parto, nem quanto à taxa de mortalidade das crianças, dada a ausência de segurança quanto à população de referência. No entanto, podemos investigar a situação de 58 casos em que temos o registro simultâneo de data de último parto e data de óbito (Figura 22). É interessante verificar que 85% dessas mulheres morreram até 24 meses depois deste último parto. Em um terço dos casos, o óbito ocorreu até 12 meses depois do parto. Tal proximidade teria sido decorrente de complicações do último parto registrado, de um novo parto, infeliz, ou mero acaso?

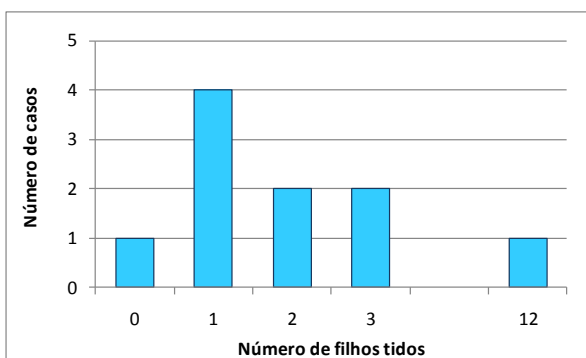


Figura 21 – Distribuição de casos de óbito no parto, segundo o número de filhos tidos (N=10)

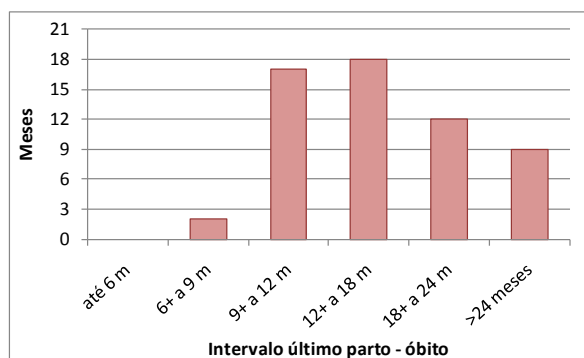


Figura 22 – Distribuição do intervalo entre o último parto registrado e o óbito (N=58)

MORTALIDADE DIFERENCIAL FEMININA

Outra análise associada à mortalidade no parto trata da mortalidade diferencial

feminina. De 240 casos com idade conhecida ao falecer (109 homens e 131 mulheres)⁹, 44,3% dos óbitos femininos ocorreram entre 15+ e 40 anos, enquanto somente 27,5% dos masculinos ocorreram nesta faixa etária. Apesar de os rapazes e jovens adultos também se submeterem a riscos maiores do que os mais velhos, as mulheres morrem proporcionalmente muito mais nesta faixa, levando a crer que estas mortes decorram de complicações associadas ao período reprodutivo.

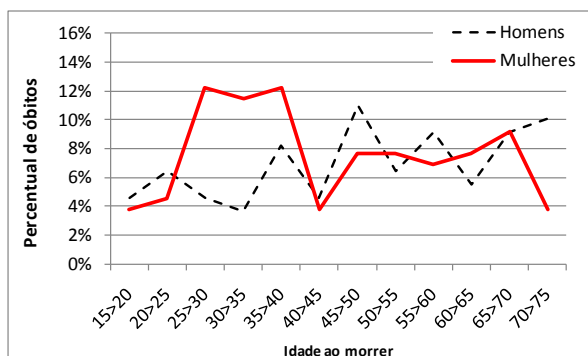


Figura 23 – Distribuição de óbitos por idade e sexo (N=109 homens e 131 mulheres)

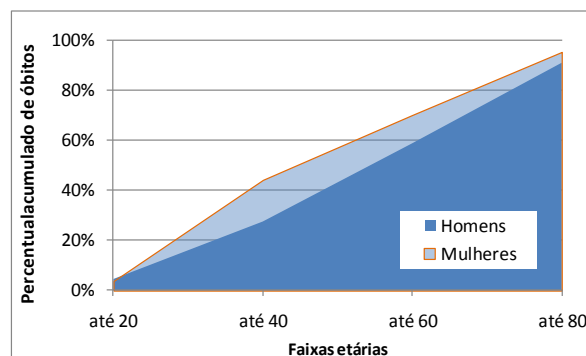


Figura 24 – Percentuais acumulados de óbitos até certa idade

MORTALIDADE EM GERAL

A amostra apresenta 257 casos (118 homens e 139 mulheres) com informação simultânea de data de batismo e data de falecimento conhecidas. Apesar de constarmos séria falha nas idades jovens, com número de dados muito inferior ao esperado, esta sub-amostra parece nos permitir uma razoável estimativa da mortalidade a partir dos 15 anos (com 110 homens e 135 mulheres). Apresentamos esta informação como curvas de esperança de vida a cada idade, a partir dos 15 anos (Figura 25), onde aparece claramente a maior mortalidade diferencial feminina até os 40 anos.

A título comparativo, cotejamos as curvas de mortalidade da amostra com aquelas calculadas por Giorgio Mortara (1941) para o Brasil no período 1870-90 (Figura 26). O resultado dessa comparação, com a mortalidade masculina em todas as idades e a feminina a partir dos 45 anos inferiores à do Brasil como um todo, ao final do século XIX, nos sugere a existência de distorções na amostra ou, alternativamente, de uma mortalidade das pessoas livres no Rio de Janeiro colonial menor do que aquela estimada por Mortara para todos os brasileiros, 300 anos depois. Por tratar-se de subconjunto

⁹ A clara subnumeração de óbitos infantis e juvenis nos dados amostrais não altera esta análise.

populacional restrito e relativamente mais bem posicionado para sobreviver do que o restante da população do Brasil, não podemos descartar esta hipótese de mortalidade mais baixa do que a média nacional três séculos depois. O tema demandará, sem dúvida, novos estudos.

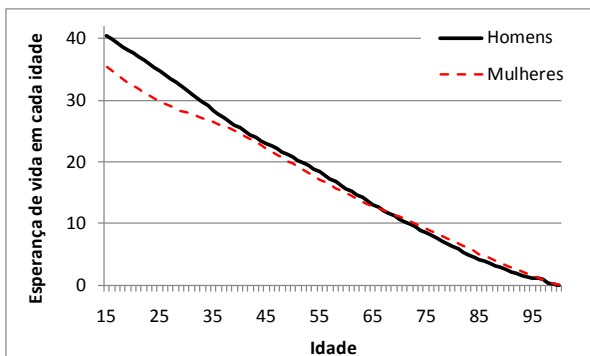


Figura 25 – Esperança de vida a cada idade (N=110 homens e 135 mulheres)

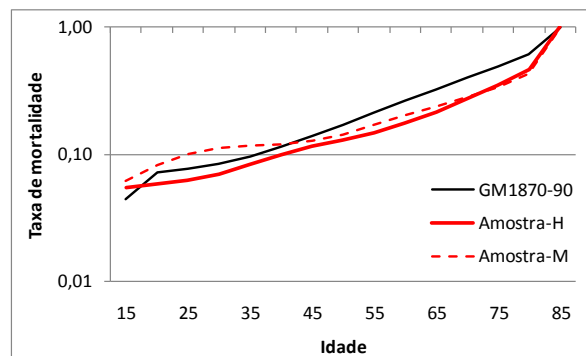


Figura 26 – Curvas de mortalidade (em escala logarítmica) da amostra e calculada por G.Mortara para o Brasil 1870-90

CASAIS ESTATÍSTICOS

Traçamos, por fim, um perfil anedoticamente sucinto, mas estatisticamente correto, dos 4300 habitantes do Rio de Janeiro que emprestaram suas datas vitais para nossas análises. Caberá a futuros estudos dizer em que medida tais resumos representam adequadamente o conjunto da população livre do Rio de Janeiro colonial.

Nosso casal mediano nasceu na década de 1670, no Rio de Janeiro, de pais também nascidos na capitania, mas com avós portugueses ou nascidos em outras regiões do Brasil. Casaram-se, eles aos 26 e ela aos 22 anos, nascendo seu primeiro filho 16 meses depois. Tiveram 6 filhos¹⁰, dos quais somente 4 chegaram à idade adulta. A mulher tinha 36 anos no seu último parto. Viveram casados por 25 anos, até a morte da esposa, aos 47 anos. Quando a mãe morreu, as crianças sobreviventes tinham 22, 19, 14 e 11 anos. Viúvo, o homem sobreviveu por mais 4 anos, falecendo aos 56.

Ilustrando a diversidade embutida nesta síntese estatística, podemos supor que a mulher mediana tivesse duas irmãs, com histórias de vida bem distintas. Uma primeira se teria casado aos 16 (mediana do quartil inferior das idades ao casar) com um homem de 40 anos (mediana do quartil superior das idades ao casar), tendo 9 filhos (mediana do

¹⁰ Dada a incerteza sobre dados faltantes, consideramos a mediana das mães que tiveram pelo menos 3 filhos.

quartil superior do número de filhos) ao longo de 17 anos a partir do nascimento do primeiro (mediana de período fértil para mulheres com 9 filhos), chegando no último parto aos 40. O marido morreu aos 66 (média da mortalidade para homens que atingiram os 40 anos que tinha ao casar), deixando seu rebento mais velho com 24 e o mais moço com 7. Sua mulher ainda viveu viúva por 16 anos, falecendo aos 63 (média da mortalidade para mulheres que atingiram os 40 anos que tinha no seu último parto). Dos seus 9 filhos, 2 ou 3 terão possivelmente morrido antes dos 10 anos.

A outra irmã se teria casado na idade mediana geral de 22 anos, mas com um rapaz mais jovem, de 20 anos (mediana do quartil inferior das idades ao casar). Morreria, contudo, aos 24 anos incompletos (média do quartil superior de mortalidade para mulheres entre 15 e 45 anos), possivelmente em decorrência do parto de seu primeiro filho. O viúvo voltaria a se casar 13 anos depois, aos 35 anos (mediana do intervalo entre a viuvez e um segundo casamento), falecendo aos 48 (média do quartil superior de mortalidade para os que atingiram 35 anos).

Apesar de termos trabalhado sobre uma amostra pequena relativamente ao total da população livre que viveu nos dois séculos e meio do Rio de Janeiro colonial, cremos que estas observações ilustram a diversidade de situações demográficas que, com alta probabilidade, encontraríamos numa população semelhante à da amostra. Ilustram, também, algumas das múltiplas possibilidades de análise que podemos extrair de microdados demográficos, mesmo incompletos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado (2001). *Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Annablume-Fapesp. 274.p. [1994]
- CARNEIRO, Marina Braga, CHAGAS, Paula Roberta e NADALIN, Sérgio Odilon (2010). "Nascer e garantir-se no Reino de Deus; Curitiba, séculos XVIII e XIX." *Revista Brasileira de Estudos de População* 27(2): 361-384. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol27_n2_2010/08_Nascer_Garantir_Reino_Deus.pdf
- FRAGOSO, João L. Ribeiro (2000). "A nobreza da República: notas sobre a formação da primeira elite senhorial do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII)." *Topoi*(1): 45-122.
- MORTARA, Giorgio (1941). "Estudos sobre a utilização do censo demográfico para a reconstrução das estatísticas do movimento da população do Brasil. VII. Tábuas de mortalidade e de sobrevivência para os períodos 1870-1890 e 1890-1920.

Cálculo, exame e comparações internacionais." *Revista Brasileira de Estatística* II(7): 493-538. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/> (Coleção digital)

NADALIN, Sérgio Odilon (2003). "A população no passado colonial brasileiro: mobilidade *versus* estabilidade." *Topói* 4(7): 222-275.

PENA, Sérgio Danilo (2009) "A biologia dos gêmeos." *Ciência Hoje* Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/deriva-genetica/a-biologia-dos-gemeos> (01/03/2011)

RHEINGANTZ, Carlos G. (1965). *Primeiras famílias do Rio de Janeiro (Séculos XVI e XVII) v.I.* Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora. 558.p.

____ (1967). *Primeiras famílias do Rio de Janeiro (Séculos XVI e XVII) v.II.* Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora. 656.p.

____ (1993-5). *Primeiras famílias do Rio de Janeiro (Séculos XVI e XVII) v.III.* Rio de Janeiro, Colégio Brasileiro de Genealogia. 212.p.

ANEXO

Quadro 1 – Descrição da amostra –
Número de casos com data certa, por evento, período e sexo.

Período	Batizados		Casamentos		Falecimentos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
até 1575	10	7	2	2	0	0
1575-00	57	27	8	10	0	0
1600-25	129	97	79	99	1	1
1625-50	295	278	111	137	22	25
1650-75	337	298	190	219	49	55
1675-00	347	362	355	381	105	105
1700-25	209	223	143	174	90	121
1725-50	134	137	111	125	35	29
1750-75	57	64	60	59	7	8
1775-00	15	13	30	30	13	11
1800-20	4	6	7	11	6	7
> 1820	0	0	0	0	13	14
Casos com data	1.594	1.512	1.096	1.247	341	376
Casos sem data	577	620	1.075	885	1.830	1.756
Total	2.171	2.132	2.171	2.132	2.171	2.132
Data mediana	1673	1679	1688	1687	1700	1701